

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA DA CULTURA E FORMAÇÃO DE VALORES EM MAX SCHELER

CONSIDERATIONS ABOUT PHILOSOPHY OF CULTURE
AND VALUES FORMATION IN MAX SCHELER

Fabiano Pures Paes*

RESUMO: O presente ensaio busca apresentar considerações sobre a formação de uma filosofia da cultura e da formação de valores em Max Scheler, através de suas concepções de formação do saber. O conseqüente potencial de formação cultural desse processo poderia ser consolidado pela edificação de valores, que, segundo Scheler, estariam registrados num ser profundo, ainda que adormecidos na mente e latentes na consciência do indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Max Scheler. Cultura. Valores. Conhecimento.

ABSTRACT: The present essay search introduces considerations about the philosophy of culture and values formation in Max Scheler using his knowledge creation conceptions. The consequent potential in cultural formation, inside this process, could be solidified through the values construction, according Scheler; they are recorded in a deep being, even hidden in our minds but latent in the individual conscience.

KEY WORDS: Max Scheler. Culture. Values. Knowledge.

Quando se considera a transvaloração das relações entre o órgão e o instrumento como um todo, se percebe o espírito da civilização não como um avanço, mas como um decair no desenvolvimento da humanidade. Ele apresenta domínio dos fracos sobre os fortes, dos espertos sobre os nobres, das meras quantidades sobre as qualidades. Ele se testemunha como decadência, à medida que aponta por toda parte o sentido de um relaxamento das forças centrais e dirigentes no homem, das forças que o impelem contra a anarquia de suas inclinações mecânicas: um esquecimento dos fins e uma idolatria aos meios. Exatamente isto é uma decadência!

Max Scheler

* Doutorando em Filosofia-PUCRS. Contato: f_pures@terra.com.br

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 106-118
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

1. Considerações Iniciais

Quando nos deparamos com o desafio de pensar o mundo, o seu sentido e as suas razões, enfrentamos questões que permanecerão conosco sem as respostas necessárias para o desenvolvimento de uma significação própria, edificadora do sentido de nossa presença no mundo. Essa edificação não depende somente de um projeto pessoal, mas também do que somos capazes de realizar dentro do contexto social e o que conseguimos compartilhar dele, quando criamos cultura. Diante disso, o desafio da filosofia se enriquece com a provocação de compreender a nossa cultura, de observá-la e analisá-la em todos os seus movimentos, desde o seu nascimento até a sua manutenção. Sendo o ser humano dúvida permanente, a cultura pode ser tomada como o abrigo para as suas considerações¹.

No mesmo lugar onde o ser humano repousa as suas inquietações, estão presentes outras inquietações que permeiam a nossa sociedade; a mesma cultura que abriga o ser humano condensa o poder acumulado pela totalidade econômica criada por ele mesmo, que determina quais são os valores mais adequados para a perpetuação do seu modelo. Os mesmos valores que o ser humano necessita para lhe nortear ou para orientar a sua sociedade podem desfibrá-lo, possibilitando a perda da sua potencialidade emancipatória pelas “erosões humanas, crueldades, injustiças, aberrações econômicas, sociais e éticas”².

Com a satisfação compensatória e o bem-estar proporcionado pela sociedade de consumo, os indivíduos tornam-se inertes, apoiando diretamente e indiretamente essa perda de potencial emancipatório, mesmo que isso provoque a sua autodestruição. Na sociedade industrial avançada, a satisfação está sempre ligada à destruição: contínua violação da natureza, desequilíbrio na distribuição de riquezas e envenenamento do meio ambiente³. Scheler já questionava as conseqüências do progresso industrial, reforçava a necessidade da manutenção de valores vitais independentemente dos benefícios do desenvolvimento industrial.

¹ CARVALHO, J. M. *Filosofia da Cultura* – Delfim Santos e o Pensamento Contemporâneo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 17.

² ARDUINI, J. *Antropologia*: Ousar para reinventar a humanidade. São Paulo: Paulus, 2004, p. 126.

³ As compensações apropriadas geradas pelo caráter afirmativo anestesia a análise ampla da idéia da destrutibilidade, pois esta idéia não se refere apenas à destruição de recursos naturais de satisfação e humanos para geração de satisfações; mas também a destrutibilidade que envolve questões de cunho mais amplo, como a flexibilidade para invocação da destrutibilidade para qualquer assunto de “interesse nacional” patrocinado pelo crescimento vertiginoso da indústria bélica e seu aparato midiático para este fim. Cf. LOUREIRO, Isabel (org.) *Herbert Marcuse: A Grande Recusa hoje*. Trad. Isabel Loureiro e Robespierre de Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998, p. 140.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 106-118
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

O objetivo deste texto é resgatar algumas considerações de Max Scheler⁴ quanto aos movimentos de formação de um ideal de humanidade através da formação de valores, que repercute em uma sociologia de conhecimento que potencializa o ser humano, tanto individual quanto socialmente.

2. As formas de saber e os elementos da cultura segundo Max Scheler

Em sua investigação filosófica, Scheler relata os meios que o ser humano possui para desenvolver o conhecer, para a fundamentação das coisas que o cercam, de maneira que, mesmo que de forma incompleta, ele entenderá o núcleo da sua própria pessoa, enquanto *participação viva* no fundamento das coisas. Para que ao ser humano seja dada a possibilidade de reformulação dos objetos, do absoluto e a sua forma cultural, Scheler descreve a disponibilidade de três formas de saber: o saber da dominação ou de realização, o saber metafísico ou de salvação e o saber da essência ou cultural⁵.

O saber de realização ou de domínio está a serviço do poder técnico, que temos sobre a natureza, sociedade e história. Ele é descrito como um saber das ciências especializadas, que sustentam toda a civilização ocidental. O objetivo mais alto dessa forma de saber seria descobrir e entender todos os fenômenos (como as leis espaços-temporais das realidades contingentes do mundo e do modo de ser dessas realidades) que nos rodeiam, viabilizando a obra do ser humano⁶.

Por outro lado, o saber metafísico ou de salvação utiliza como base a ontologia da essência do mundo. Associa resultados das ciências positivas voltadas à realidade com a filosofia primeira, voltada à essência e à associação de ambas com os resultados das

⁴ Max Ferdinand Scheler, usualmente chamado como fenomenologista, foi provavelmente o mais conhecido filósofo alemão nos anos 20. Sempre um eclético pensador, foi discípulo de Rudolph Eucken, mas também foi fortemente influenciado pela filosofia de vida de Dilthey e Bergson. Enquanto lecionava em Jena, freqüentemente encontrava Husserl, o fundador do movimento fenomenológico. Cf. Craig, E. Max Ferdinand Scheler in *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. Londres: Routledge, 1998.

⁵ O texto intitulado “Visão filosófica do mundo” foi publicado pela primeira vez em 05 de maio de 1928 em *Münchener Neuesten Nachrichten*. Nele, Max Scheler procura investigar filosoficamente os legítimos meios de conhecimento para o *conhecer*, trabalhando idéias que seriam vistas em futuros ensaios bem como sua formulação para construção de valores para o desenvolvimento de sua visão de cultura. Cf. SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 9.

⁶ SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 10.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 106-118
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

disciplinas voltadas aos valores. Isso possibilitaria uma conclusão transcendental, já que a sua lei reza que

o próprio ser do mundo é seguramente independente da existência, contingente do homem terreno e a sua consciência empírica, mas já que existem ao mesmo tempo rigorosas *relações de essência* entre certas classes de atos espirituais e determinadas regiões do ser às quais estas classes de atos nos dão acesso, *deve* ser atribuído ao fundamento de todas as coisas *tudo* que diz respeito a atos e operações que possibilitam este acesso a nós, seres transitórios⁷.

O terceiro saber cultural descrito por Max Scheler, o saber da essência ou saber cultural, é avaliado como rigorosamente oposto ao saber de dominação. A caracterização desse saber passaria pela possível eliminação de comportamentos impulsivos de desejo, que diferenciam o ser humano de outros animais, através de um entendimento do mundo do ser humano, das essências da natureza, dos seus sentimentos, do pensar, dando-lhes sentido filosófico. O objetivo supremo desse saber seria

pensar e considerar que o ente que existe absolutamente para si próprio de *tal forma* que ele esteja em correspondência e conformidade com a estrutura essencial do mundo encontrada em sua “filosofia primeira”, com a *existência* real do mundo que se nos torna acessível na sua resistência aos nossos anseios e com um medo de ser contingente⁸.

Esse processo se realiza na história da vida humana, com o desenvolvimento das idéias e valores morais que adquirem lentamente poder, entrelaçando esses poderes e repousando em todas as instituições que cercam o ser humano. O ser humano, assim, dá sentido à sua existência, numa tentativa de justificar a sua presença no mundo e amarrar-se de forma que exista uma sustentação: ele se inquieta com o seu destino e descansa em seu saber cultural.

Scheler afirma que, na época atual, em que o ser humano tenta dar-se uma forma nova, na dolorosa luta por um mundo novo, o problema do entendimento da sua cultura está no centro dos interesses⁹. Para ele, aquele que quer cultivar a si mesmo ou ao outro precisa compreender claramente três tipos de problemas: (1) qual é a essência da cultura, (2) como se

⁷ SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 16.

⁸ SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 14.

⁹ Em conferência proferida na Lessing Hochschule (Berlim) em 1925, Max Scheler apresentou suas idéias de como a como as formas de saber do ser humano são trabalhadas para a formulação da cultura e a edificação de valores que sustentariam esse saber cultural. Esta conferência foi publicada no Brasil em SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 19-58.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 106-118
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

produz cultura e (3) que espécies e formas de saber e conhecimento condicionam e determinam o processo pelo qual o ser humano se torna culto¹⁰.

A essência da cultura passaria, num primeiro momento, por uma visão individualista. Teria uma forma com ritmos individuais e específicos, dentro de limites em que as atividades espirituais livres do ser humano ocorrem, orientando as manifestações da vida – expressão e ação, falar e calar – que definem o comportamento do ser humano. A cultura para Scheler seria, portanto,

uma categoria do ser, não do saber e da experiência. A cultura é moldagem, a formação deste total ser humano; mas a moldagem e formação não de uma substância material, como no caso de uma estátua ou de um quadro, mas de uma totalidade viva, na forma do *tempo*, de uma totalidade que não consiste em outra coisa que não ser em evoluções, processos, atos¹¹.

Cada sujeito formado dessa forma seria um mundo que é a totalidade em si, com suas reflexões objetivas e especialmente individuais. A totalidade do mundo se manifestaria em todas as reproduções de idéias essenciais, e os valores essenciais das coisas ocorreriam em uma ordem estruturada, mas nunca totalmente compreensível ao ser humano. O mundo da cultura seria aquele onde o universo se resumiria num ser humano em particular, um microcosmo. Nós, seres humanos, “não podemos compreender totalmente nem uma única coisa real contingente, a não ser dentro de um processo infinito de experiências e determinações”¹², mas podemos compreender a estrutura essencial do mundo.

Scheler acrescenta à idéia de essência da cultura originária como microcosmo a idéia de *cultura enquanto humanização*. Aqui, parte da idéia da natureza infra-humana e, ao mesmo tempo e no mesmo processo, de uma tentativa constante de “auto-deificação”, do ponto de vista daquilo que, exigindo a nossa veneração, é e existe acima do ser humano e de todas as coisas finitas.

Temos ainda um conhecimento muito precário do que seja a coisa que chamamos de “homem”. A partir da ciência natural, pode-se defender com boas razões a afirmação de que ele seja um animal adoecido ou um animal que, pela sua adaptação orgânica ou mais ainda pela capacidade de adaptação, tenha ficado atrás de espécies que lhe são mais próximas¹³.

¹⁰ SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 24.

¹¹ SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 25.

¹² SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 25.

¹³ SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 27.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 106-118
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Ao ser humano é possibilitada a consciência do mundo, que o distingue dos outros animais¹⁴ e que lhe permite, não apenas possuir um meio ou espaços da natureza, mas ser residente da evolução do mundo, que nele “descobre o reino do ser e do valor”¹⁵. Scheler examina três determinações racionais e genuinamente humanas, que dariam ao ser humano essa consciência do mundo e que o constituiria: (1) a determinação do sujeito somente pelo conteúdo do *objeto*, em oposição à determinação por instintos e necessidades (necessidades biológicas); (2) o amor ao mundo, livre de desejos e que ultrapassa de longe toda a relação dos objetos para com os instintos; (3) a capacidade de diferenciar a essência e a existência.¹⁶

Diante disso, a cultura não seria formada pelos movimentos de uma aprendizagem para algo em específico. Ainda assim, toda essa movimentação ainda seria percebida pela cultura, e certos objetivos seriam atingidos mesmo quando não são diretamente projetados¹⁷. Neste ínterim, Scheler destaca que os valores deveriam ser divididos, para ser tornarem acessíveis a muitos, no processo de formação cultural. Concentra a sua visão de valores humanos na possibilidade de expansão ao mundo, já que “é no processo da sua vida *no mundo e com o mundo*”¹⁸ que acontece o devir da cultura. Um saber que se torna cultura é um saber digerido, plenamente assimilado, um “saber que se tornou vida e função”¹⁹.

O *Homem Culto* seria aquele que assimila tudo que é experienciado dentro de um processo que lhe daria uma totalidade (microcosmo) de mundo. Ele se articularia, assim, “numa forma plena de sentido, nobre, justa, sem que ele tenha consciência de tê-las formado”²⁰; um saber cultural genuíno sabe sempre aquilo que também não sabe, que pertence àquilo que é anterior à experiência²¹.

¹⁴ Ernst Tugendhat destaca Max Scheler como sendo um dos grandes pensadores da Antropologia Filosófica, juntamente com Helmut Plessner, destacando a visão de Scheler com relação as suas justificativas definem o que é característico do homem e suas diferenças com relação a outros animais. TUGENDHAT, E. *Não Somos Arame Farpado*: Conferências apresentadas no Brasil em 2001. Canoas: Editora da ULBRA, 2002, p. 80.

¹⁵ SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 37.

¹⁶ SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 36.

¹⁷ Scheler estende sua reflexão definido sua visão a respeito das possibilidades que desenvolveram a *Inteligência Prática* do ser humano, sua capacidade de enfrentar situações não previstas e dar a elas uma resposta biologicamente plena, motivo de preservação da sua espécie e, por conseguinte, agente formador da sua cultura sob a idéia de valor próprio. Esta *Inteligência Prática* possibilita aos animais uma possibilidade de se adaptar a novos ambientes, já que apenas o instinto não bastaria para responder a tudo isto. SCHELER, M. *A posição do Homem no Cosmos*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 28-33.

¹⁸ SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 41.

¹⁹ SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 45.

²⁰ SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 46.

²¹ Max Scheler busca estabelecer um conceito mais alto de saber, entendendo que o conhecimento é ele próprio uma forma de saber algo “enquanto algo” – a coincidência de um saber intuitivo com um significado que é independente dele. Deve-se, portanto, definir saber enquanto tal sem que seja utilizada na definição de uma de

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 106-118
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

O ser humano se apresenta envolvido no conhecimento da história e da natureza, e de tudo aquilo que é característico do mundo que o cerca: penetraria nesses elementos de forma que o mundo se converteria a ele num foco espiritual. Com isso, Scheler se referiu novamente a uma determinação da essência da cultura: a humanização. Cultura é humanização, é um processo que nos faz hímens; o mesmo processo é um intento de progressiva auto-deificação, porque a imponente realidade que existe atua sobre o ser humano e todas as coisas finitas.

3. A sociologia do conhecimento

Constitui-se como mérito de Scheler a tentativa de integrar a sociologia do conhecimento a uma visão filosófica do mundo, que resultou num esboço sistemático grandioso²². O conhecimento gerado pela sociedade, e que interfere na distribuição das classes, é referenciado por Scheler, na medida em que as classes constituem um subconjunto de todo grupo social. A classe à qual cada indivíduo pertence também interfere no seu processo de conhecimento. Em outras palavras, a apreensão de valores não se dá apenas em termos universais, como parte integrante da natureza humana, mas também através dos subgrupos aos qual cada indivíduo pertence²³.

A sociologia do conhecimento de Max Scheler surge em decorrência às ideologias, bem como às utopias, que são construídas tanto pela humanidade em geral como por nações, cidades e classes sociais, em suas mais diversas manifestações. Em outras palavras, o ser humano é interpretado por Scheler, não só como um produtor de utopias, mas também como um construtor de ideologias. As utopias expressam valores objetivos percebidos tanto quanto as ideologias demonstram as várias tentativas de realização desses valores. O ideal e o real se apresentam, na atividade social, como manifestações complementares entre si. Estão igualmente contidos no caráter simultaneamente apriorístico e material que Scheler apontava na sua estrutura do valor.

suas espécies ou algo que já contenha algum saber ou a “consciência” (como por exemplo, um juízo, uma representação, uma dedução). O saber tem que ser definido por meio de conceitos puramente *ontológicos*. SCHELER, M. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986, p. 49.

²² MANEIM, K. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967 p. 330.

²³ MATHEUS, C. "Max Scheler e a gênese axiológica do conhecimento". *Revista Margem*. São Paulo, No. 16, p. 13-27, Dez. 2002.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 106-118
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Scheler não parte de uma simples investigação das relações econômicas, tal como ocorre no pensamento de Karl Marx, e nem apenas de uma pesquisa de natureza histórica, tal como ocorre na obra de Max Weber; antes, é característico de Scheler a continuidade da reflexão em torno do caráter ético inerente à natureza humana. O eixo central do seu pensamento se encontra em sua mais importante obra, *O formalismo em ética e a ética material dos valores*, na qual estabelece, não apenas a distinção, mas também a interdependência entre o caráter *a priori* dos valores e a sua realização do material.

Os temas culturais são aqueles que aperfeiçoam a moral dos indivíduos ou do seu coletivo, elevam as possibilidades que o ser humano empresta provisoriamente às coisas, aos outros e a si mesmo. O desenvolvimento das possibilidades espirituais do ser humano se mede pelo sentido cada vez mais profundo que se vai atribuindo às coisas que, de início, para ele, não tinham nenhum sentido²⁴.

4. A cultura e a formação de valores

Nietzsche deu estatuto filosófico aos valores, mas foi Max Scheler quem atuou no campo da pesquisa dos valores, na descrição dos fenômenos ou das essências puras que ocorrem na consciência²⁵. Ele procura possibilitar um contato direto e pessoal com a realidade destes valores de forma não convencional, mas procura mostrar que este caminho é acessível a todos. Seu objetivo final é a experiência dos valores éticos, porém inicia sua visão analisando as vivências através das quais se chega à experiência dos valores em geral, iniciando assim pelos sensíveis²⁶.

Por meio dessa exploração, Scheler concluiu que os valores pertencem a uma esfera que não se confunde com a do ser, pois possuem uma peculiaridade irreduzível. São percebidos, não por uma introspecção simples, mas por uma intuição emocional. Existem qualidades autênticas e verdadeiras que “constituem um domínio próprio dos objetos que guardam entre si relações e correlações validas *a priori*”²⁷. Em consequência, é comum

²⁴ CARVALHO, J.M. *Filosofia da Cultura* – Delfim Santos e o Pensamento Contemporâneo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 19.

²⁵ MARTINELLI, M. *Aulas de transformação*. O programa de educação em valores humanos. São Paulo: Petrópolis, 1996.

²⁶ COSTA, J.S. *Max Scheler - O Personalismo Ético*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p. 40.

²⁷ COSTA, J.S. *Max Scheler - O Personalismo Ético*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p. 41.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 106-118
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

conceituar valor, primeiramente, como uma não-indiferença de alguma coisa com um sujeito ou uma consciência motivada²⁸. Para Scheler, a causa dos conflitos que afligem a humanidade está na negação dos valores como suporte e inspiração para o desenvolvimento integral do potencial individual e, conseqüentemente, do potencial social²⁹.

Influenciado pela fenomenologia, Max Scheler examinou a especificidade das chamadas “ciências do espírito”, elaborando uma análise dos valores, entre os quais identificou: agradável, bom, trágico, sensível. Os valores poderiam representar possibilidades e seriam ordenados numa hierarquia; ali, viriam primeiramente os sensíveis³⁰, depois os vitais, os espirituais em terceiro lugar e, por último, o sagrado e o profano. Dessa maneira, o valor é o que concebemos intuitivamente da apreensão dos objetos³¹.

²⁸ Max Scheler publicou sua obra mais importante se fundamentado na teoria da percepção emocional dos valores entre 1913 e 1916, durante os abalos da Primeira Guerra Mundial. Nessa época, escrevia no anuário de pesquisa filosófica e fenomenológica. Nos anos que se seguiram ao rompimento entre Freud e Jung, na Sociedade Internacional de Psicanálise, Scheler ainda era amigo e colaborador de Husserl. O rompimento ocorrido mais tarde entre esses dois iniciadores do movimento fenomenológico viria a ter alguma semelhança com o rompimento entre os fundadores das teorias psicanalíticas, na medida em que resultou de sua busca de um fundamento ontológico para as emoções humanas e para o caráter universal das relações afetivas. Entretanto, não teve tempo para responder às restrições de Husserl à sua teoria da percepção emocional e nem mesmo para concluir sua crítica à teoria da sublimação contida na obra de Freud. Tinha em mente estabelecer uma relação entre as mudanças históricas e os valores sociais a partir de seu debate com outros autores que conheceu por também abordarem esse tema, como Werner Sombart e Max Weber, porém não chegou a concluir esse seu projeto. Mesmo assim, refletiu profundamente sobre a relação entre os valores sociais e seus fundamentos econômicos, indo além dos limites deixados por Weber e Troeltsch, não se prendendo apenas a uma superficial relação entre economia e religião, mas investigando os fundamentos epistemológicos do processo de construção social de valores. Seu pensamento em torno do conhecimento e do lugar da ciência na vida humana começava a ressoar em um mundo turbulento, entre guerras de canhões e conflitos ideológicos, na mesma época em que certos filósofos de Oxford, Cambridge e Viena se lançavam em busca de uma nova aproximação entre a filosofia e a ciência. Contudo, Scheler morreu antes que fosse publicada a famosa concepção científica do mundo que seria o Manifesto do Círculo de Viena. Cf. COPLESTON, F. *A History Of Philosophy (Vol IX):Modern Philosophy: From The French Revolution to Sartre, Camus and Lévi-Strauss*. New York: Image Book, 1994, p. 293.

²⁹ A Filosofia dos Valores praticada por Max Scheler e Nicolai Hartmann está conectada com a Fenomenologia e gerou grande impacto na França sobrepondo as idéias de Nietzsche sobre o mesmo assunto, já que este, durante muito tempo, foi considerado neste país, muito mais um poeta que um filósofo. Cf. COPLESTON, F. *A History Of Philosophy (Vol IX):Modern Philosophy: From The French Revolution to Sartre, Camus and Lévi-Strauss*. New York: Image Book, 1994, p. 293.

³⁰ Scheler distingue o que seria o valor e suporte de valor. Existem objetos, coisas e há valores dos quais os objetos e as coisas são meramente suportes. No plano dos valores sensíveis a união entre as qualidades axiológicas e seus suportes é a mais íntima possível. Daí a dificuldade maior, nesse plano, para se fazer a distinção entre o valor e o seu suporte. Por isso, Scheler inicia sua análise precisamente pelos valores sensíveis. [...] Tais valores seriam perceptíveis em si mesmos, independentemente da percepção de seus suportes. Por exemplo: podemos conceber o vermelho sem pensá-lo como qualidade de uma superfície determinada. Ou o “doce” e “saudável”, independentemente do mel e do alimento dos quais se manifestam. Cf. COSTA, J.S. *Max Scheler - O Personalismo Ético*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p. 40.

³¹ CARVALHO, J.M. *Filosofia da Cultura – Delfim Santos e o Pensamento Contemporâneo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 26.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 106-118
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Visando obter uma unidade de espírito, Scheler se opôs a Kant³², já que admitiu que as experiências poderiam levar aos valores morais, e que os valores não podem ser instrumentos na obtenção de certos fins. Entendia, pois, que cabia enfrentar a problemática da cultura uma vez garantida essa unidade de espírito³³. Scheler encontra na noção de valor o fundamento que buscava. Segundo a sua interpretação, os valores são objetos tão reais quanto os objetos da percepção sensorial e os objetos inteligíveis da razão pura. Aplica ao valor o mesmo caráter apriorístico que Kant atribui aos princípios e às categorias.

No mundo dos valores, essa oposição entre formal e material não ocorre, uma vez que os valores são igualmente objetos *a priori* da intuição emocional, podendo também ser percebidos através de sua realização material. Mais ainda, os valores não pertencem ao formalismo da razão, como também não perdem o seu conteúdo apriorístico pelo fato de se realizarem materialmente. Ao contrário, necessitam de sua realização para serem conhecidos, embora sempre permaneçam como objetos ideais.

Scheler trabalha a questão dos valores buscando uma direta relação à sua preocupação de fundamentar a ética. Bons, seriam os valores superiores que se manifestam no ato intencional que visa à realização de um valor superior; mau é todo valor que se manifesta no ato intencional que visa a realização de um valor inferior³⁴. Esta visão pressupõe uma hierarquia de valores que se estrutura a medida que os valores vão sendo percebidos. Quando aparecem certas tendências dirigidas a valores que passam a constituir conteúdos de minha representação, a minha vontade pode, então, optar. Nesse encaminhamento, o fim torna-se o objetivo escolhido³⁵.

O progresso industrial não tem valor senão sob a *condição* de não atentar de um modo permanente contra os valores vitais; a manutenção da saúde da raça e sua “nobreza”, possui em si, independentemente de todo rendimento útil e merece preferência mesmo que para isso seja preciso pagar o preço da diminuição da velocidade de avanço do desenvolvimento industrial; é necessário sustentar e proteger a família e a nação, mesmo se isto implicar certamente uma diminuição do avanço do progresso industrial e da expansão

³² Scheler sugere equívocos no formalismo ético kantiano a partir de dois fatores: (1) sua atitude de conjunto com relação ao mundo, típica do homem burguês, caracterizada pela hostilidade e pela desconfiança fundamentais, acompanhada de angústia e medo ante a realidade vista como um caos que deve ser ordenado e um inimigo a ser ordenado; (2) o desconhecimento, por parte de Kant, da experiência fenomenológica, a única que lhe daria acesso ao *a priori* material constituído pelos valores. Cf. COSTA, J.S. *Max Scheler - O Personalismo Ético*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p. 42.

³³ CARVALHO, J.M. *Filosofia da Cultura – Delfim Santos e o Pensamento Contemporâneo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 27.

³⁴ COSTA, J.S. *Max Scheler - O Personalismo Ético*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p. 43.

³⁵ CARVALHO, J.M. *Filosofia da Cultura – Delfim Santos e o Pensamento Contemporâneo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 27.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 106-118
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

da civilização; os grupos, nos quais se decompõe o povo, ganham um favor e um privilégio na distribuição dos bens e das honras não segundo a medida das contribuições que eles trazem para a produção de artefatos úteis ou para a diversão, senão em primeira linha segundo sua *significação histórica e vitalmente valorosas*³⁶.

Nenhuma realização material de valor esgota ou suprime o seu caráter ideal, na medida em que, a cada valor, corresponde uma infinita série de realizações materiais. Os valores, na concepção objetivista de Scheler, podem ser, portanto, simultaneamente materiais e *a priori*. Assim, Scheler extrai da sua teoria do conhecimento dos valores a sua visão ética, que se refere tanto ao indivíduo isoladamente quanto a toda e qualquer coletividade humana, aplicável a qualquer época histórica ou evolução cultural³⁷.

5. Considerações finais

Experimentamos uma existência temporal, e é nessa situação que o ser humano procura criar condições que lhe permitam viver e viver bem. O ser humano atribui valores e edifica uma situação, faz cultura. Quando nos referimos a valores e à sua disposição na nossa vida, claramente estamos nos aproximando do tema mais importante da filosofia contemporânea: o ser humano³⁸.

Voltar-se para o ser humano nos coloca diante das exigentes condições em que ele se encontra na civilização que criou para o seu benefício. A tecnologia criada pelo ser humano, para seu conforto e sua satisfação, produziu muitas ameaças à sua vida, o que nos faz refletir sobre os seus limites: o problema das escolhas e do significado da vida cresceu; frente a uma produção industrial infinita temos um meio ambiente finito.

Todas as manifestações que se mostram como consequência de um *industrialismo* unilateral. Quem toma a civilização instrumental por um aperfeiçoamento da formação orgânica, precisa naturalmente desejar-lhe uma expansão ilimitada. Todos os danos à vida, que deste industrialismo produz – por exemplo, o trabalho de mulheres e crianças, uma tendência

³⁶ SCHELER, M. *Da reviravolta dos Valores*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p. 184.

³⁷ MARTINELLI, M. *Aulas de transformação. O programa de educação em valores humanos*. São Paulo: Petrópolis, 1996.

³⁸ CARVALHO, J.M. *Filosofia da Cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 15.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 106-118
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

desintegradora da família, a formação de grandes cidades com conseqüentes moradias danosas para a saúde [...] ³⁹.

O mundo da pessoa é o único constituído por essencialidades necessárias e absolutas ⁴⁰. Para que a cultura seja entendida a partir do seu conjunto, em sua totalidade, um processo para descoberta de novos valores que edifiquem a cultura é a proposta de Scheler: isso possibilitaria a recuperação da sua essência emancipatória. Scheler sugere uma reviravolta de valores, uma recuperação da essência libertadora. Cada ser humano poderia avaliar realmente onde deseja ir, talvez administrando os saltos evolutivos de forma agregadora, talvez controlando as acelerações tecnológicas que atestam o triunfo da técnica que o fez soberano da natureza, capaz de dominar as forças impetuosas e desfrutá-las para as próprias exigências, tornando-se providência para si mesmo.

A humanidade necessita de critérios que a norteiem, os parâmetros são os pólos de valor ⁴¹. Scheler já anunciava esta ausência de critérios como causa dos conflitos que afligem a humanidade como um todo, e que apenas o desenvolvimento de valores potencializaria o desenvolvimento do ser humano em condições individuais e sociais. Não é possível encontrar o propósito da vida sem esses valores que estão registrados no ser profundo, ainda que adormecidos na mente e latentes na consciência do indivíduo.

Referências

- ARDUINI, J. *Antropologia: Ousar para reinventar a humanidade*. São Paulo: Paulus, 2004.
- CARVALHO, J.M. *Filosofia da Cultura – Delfim Santos e o Pensamento Contemporâneo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- CARVALHO, J.M. *História da Filosofia e Tradições Culturais – Um Diálogo com Joaquim de Carvalho*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- COPELSTON, F. *A History Of Philosophy (Vol IX):Modern Philosophy: From The French Revolution to Sartre, Camus and Lévi-Strauss*. New York: Image Book, 1994.
- COSTA, J.S. *Max Scheler - O Personalismo Ético*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.
- CRAIG, E. Max Ferdinand Scheler in: *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. Londres: Routledge, 1998.
- GALANTINO, N. *Dizer Ser humano Hoje: Novos Caminhos da Antropologia Filosófica*. São Paulo: Paulus, 2003.

³⁹ SCHELER, M. *Da reviravolta dos Valores*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p 183.

⁴⁰ COSTA, J.S. *Max Scheler - O Personalismo Ético*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p. 32.

⁴¹ ARDUINI, J. *Antropologia: Ousar para reinventar a humanidade*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 126.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 106-118
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

- LOUREIRO, Isabel (org.) *Herbert Marcuse: A Grande Recusa hoje*. Trad. Isabel Loureiro e Robespierre de Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998.
- MANEIAM, K. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- MARTINELLI, M. *Aulas de transformação*. O programa de educação em valores humanos. São Paulo: Petrópolis, 1996.
- MATHEUS, C. "Max Scheler e a gênese axiológica do conhecimento". *Revista Margem*. São Paulo, N° 16, P. 13-27, Dez. 2002.
- SCHELER, M. A posição *do ser humano no Cosmos*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. Tradução
- _____. *Da reviravolta dos Valores*. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.
- _____. *Visão Filosófica do Mundo*. Trad. Regina Winberg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986.
- TUGENDHAT, E. *Não Somos Arame Farpado: Conferências apresentadas no Brasil em 2001*. Canoas: Editora da ULBRA, 2002.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 106-118
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------